

# Moacyr Scliar



## A volta de Tarzan

**T**arzan é antes de mais nada uma história de sucesso. O criador do personagem, Edgar Rice Burroughs (1875–1950), vinha de uma trajetória de sucessivos fracassos. Reprovado na Academia Militar de West Point, tentara várias profissões: caubói, policial, mineiro. Como outros americanos antes dele (Jack London e Mark Twain), resolveu arriscar-se na literatura para ganhar um dinheirinho. Começou com ficção científica, teve êxito, mas nada que se comparasse ao de Tarzan, personagem que gerou nada menos do que 31 livros, o primeiro deles datando de 1912. Um êxito que foi ajudado pela nascente indústria do cinema. O primeiro filme da série apareceu já em 1917 e até 1970 o ritmo era de mais ou menos um por ano. Essa fama seria duradoura: na Internet existem centenas de sites sobre Burroughs, o que dá uma idéia de sua popularidade.

O sonho de todo escritor é transformar seus personagens em mitos, figuras que passam a povoar o imaginário popular. Poucos o conseguiram: Cervantes com seu *Dom Quixote*, Shakespeare com *Hamlet*, são exemplos. E a pergunta que se impõe é por que Tarzan? O que significa esse nome, essa figura, para as pessoas?

Em primeiro lugar está a própria origem do personagem. Tarzan é, na verdade John Clayton, Lord Greystoke. Sabemos, mas ele não sabe, que seus pais morreram na África e ele, ainda bebê, foi criado por macacos. Essa era uma lenda comum no século 19 e já havia dado origem a histórias como a de *Mowgli*, o *Menino-Lobo*, de Rudyard



Kipling. Refletia o misto de temor e de fascínio inspirado pelas regiões ainda desconhecidas do globo, no caso de Tarzan, a África. Nesse sentido, tem uma dimensão ecológica, de volta à natureza; Tarzan seria o equivalente ao “homem natural” de Rousseau.

Todo o movimento romântico europeu foi inspirado por essa visão (infelizmente, do nudismo ao nazismo foi um passo, como depois se constataria). Tarzan fala com os animais, chama-os pelo nome (Numa é o leão, Tantor é o elefante) e, no começo de *Tarzan na Selva*, apaixonou-se perdidamente pela macaca Teeka, e até chega a brigar com o rival Taug, uma luta que Edgar Rice Burroughs descreve com grande imagina-

ção e riqueza de detalhes.

De outra parte, Burroughs começou a escrever numa época em que o colonialismo estava no auge e isso, de alguma maneira, aparece em seus livros. A superioridade do homem branco é mais do que evidente. Graças à inteligência, Tarzan consegue se impor sobre os animais; mais do que isso, ele é obviamente superior aos nativos negros. Observando-os a banquetear-se com a carne de um elefante morto, ele os acha “repulsivos”. Admite que “esses negros parecem-se mais comigo do que qualquer outro animal da selva”, mas vê-se numa categoria à parte, mais elevada. Racismo? Sim, mas atenuado. Lá pelas tantas, movido por um invencível impulso de paternidade, Tarzan “adota” um garotinho negro da aldeia, sem dar muita bola à cor da pele.

O tempo passou, a África deixou de ser o continente misterioso para ser apenas o continente da miséria e da doença, coisas que estão longe de ser glamourosas. Os estúdios Walt Disney, que se especializaram em recuperar figuras antológicas do passado (o Corcunda de Notre Dame é um exemplo), agora trazem de volta o herói de Burroughs num desenho animado. Nada que lembre o grande Tarzan das telas, Johnny Weissmüller, um atleta que se celebrizou não apenas pela estampa hercúlea, como sobretudo pelo grito que criou para o seu personagem, um grito mais tirolês do que africano. Weissmüller morreu há alguns anos num asilo. Demente, ele assustava seus companheiros com o famoso grito. No fundo de sua mente ele estava, como todos nós, gritando por sua infância perdida.

**C**artas, recados, e-mails – O Luiz Argeu Costa (Canoas), lembra um episódio de sua infância (em criança, brincava de veterinário, “vacinando” lesmas com espinhos de limoeiro, o que resultou em uma grande mortandade de moluscos) para dizer: “Quando vejo as

### Diário de Bordo

medidas do governo, liberando as importações, causando quebradeira geral e um medonho desemprego, lembro da eficácia das injeções nas lesmas”. Verdade, Luiz Argeu. Eu acho que o governo até se dá conta dessa tragédia social. Mas, enquanto medidas como a CPMF são rápidas, a proteção social vem em ritmo de lesma. Vacinada com espinho de limoeiro. \*\*\* O André Vieira escreve para lembrar um saudoso autor, Robert Ryan, que este ano completaria 90 anos e que foi dirigido por diretores como Fritz Lang, Robert Wise, Anthony Man. Notem: o André Vieira tem, pelo que entendi, 20 anos. É uma autêntica vocação cinéfila.

□□□

**Bananas** – O Guga tem muitos méritos, mas o seu mérito maior, no meu modo de ver, foi ter recuperado a imagem da banana. Está aí uma grande fruta. O preço é barato, a embalagem é fácil de tirar, não contém aditivos, fornece calorias e potássio... Se fosse fabricada por uma multinacional dos alimentos, a banana teria o maior prestígio. Como é produto nosso, paga o preço da humildade. Guga merece um monumento por isso. E a eterna gratidão de Santa Catarina.

□□□

**Citação** – “Agora ela pensava, como eu, que valia a pena tentar ainda uma vez, que valia a pena dançar um tango em Porto Alegre. Que importava se era ou não amor? Sempre, mas sempre mesmo, seria uma vitória.” \*\*\* *Dançar Tango em Porto Alegre*, da antológica às vezes nevrálgica e um pouco nostálgica L&PM traz de volta o talento de Sérgio Faraco, recentemente reconhecido pela Academia Brasileira de Letras, que deu ao livro o Prêmio José Lins do Rego.

E-mail: scliar@zerohora.com.br